

Pádua Fernandes*

O que é a poesia hoje?

Antologia do mundo, ou exceto pela bomba

I

Deixou que todos os vírus lhe contaminassem o computador;
as mensagens enviadas a todos seus contatos,
chamou-as de obra completa.

Todos os vírus lhe contaminaram o computador;
os desfalques nas contas bancárias,
chamou-os de direitos do autor.

O roubo de senhas, a multiplicação de perfis,
clássicos modelos reciclados de poética.

Criptomoedas, agentes da CIA e/ou do PCC, fascistas do Brasil
ocuparam seu computador; ao trabalho que realizaram,
chamou fortuna crítica.

II

como tornar o corpo
na própria antologia
do mundo, de que forma
do infarto à aorta

o mundo pulsaria
inteiro, por qual logro
se afogaria a orla
no pranto que transborda

e se reduziria
a atmosfera ao sopro
senão pela asfixia

a implantar o oco
do mundo pelas cordas
da voz, que o verso corta

III

Nunca houve tantos vírus de computador,
máquinas desfiguradas, panes ramificadas,
sinal de multiplicação da poesia.

IV

pois o verso não conta
que o mundo se torna
na breve antologia
do corpo, já envolto

de falências, destroços,
geleiras derretidas
que alimentam as ondas
no oceano da revolta;

por meio de que logro
apenas uma via
de toda a geografia

restaria *in loco*,
exceto pela bomba,
que une todas as formas?

V

o poeta anuncia em rede social a própria morte
somente para depois da partida esportiva;
segue os especialistas em *marketing*,
escolhe o momento
de maior engajamento do público;

matou-se, porém ninguém notou;
explodia uma guerra em outro canto do planeta,
os tempos são ricos em demasia
para assuntos de poesia

VI

a poesia tem, proverbialmente, poucos leitores (*ouvem-se tiros*) os poemas multiplicam-se na *internet* (*nada se ouve com os tiros e os estrondos*) a poesia também é dita em palcos e cafés (*ninguém mais restou, agora só os tiros que ouvem*) sonetos segundo o modelo de Petrarca (*o que os tiros ouvem? o silêncio; só eles sabem apreciar a poesia*) e pedras de acordo com o estilo de Alberto Pimenta (*por isso toda a memória hoje está nas cicatrizes e nos buracos dos muros*) tempos de indignância, para que serve o poema (*quis falar de pontaria, tratou de poesia*) o que é a poesia hoje? (*a união da trajetória da bala com a da queda*) que heranças do passado recebe o poema (*é tarde, invadi sua memória, detenho agora todas as senhas*)

NOTA

* Pádua Fernandes (Rio de Janeiro, 1971) publicou livros de poesia, prosa de ficção e ensaio em Portugal, Argentina e Brasil. Foi pesquisador da Comissão Nacional da Verdade brasileira e das comissões da verdade do Estado de São Paulo e da Prefeitura de São Paulo.